

Recebido em: 14/05/2021
 Aprovado em: 10/08/2021
 Publicado em: 22/10/2021

A RECEPÇÃO DE FREUD E DA PSICANÁLISE NO CONTEXTO DAS NEUROCIÊNCIAS COGNITIVAS

das sinapses de Eric Kandel ao sujeito corporal de António Damásio

THE RECEPTION OF FREUD AND PSYCHOANALYSIS IN THE CONTEXT OF COGNITIVE NEUROSCIENCES

from Eric Kandel's synapses to António Damásio's bodily subject

Josiane Cristina Bocchi¹
[\(josiane.bocchi@unesp.br\)](mailto:(josiane.bocchi@unesp.br))

Resumo: O artigo explora aspectos teóricos e metodológicos da leitura e da recepção que conceitos e descrições freudianas encontraram no contexto neurocientífico dos últimos 30 anos. Especificamente, demonstramos algumas questões centrais que a comunidade neurocientífica contemporânea têm endereçado à psicanálise, através do projeto científico-filosófico de naturalização da mente dirigido por Eric. R. Kandel. Discutimos os parâmetros conceituais e programáticos desse projeto e destacamos seus pontos fortes e fracos, do ponto de vista de uma abordagem da subjetividade sob a ótica da psicanálise. Pensamos que a teoria da consciência e do *self* de António R. Damásio é mais consistente para abordar a dimensão qualitativa e fenomênica das funções psíquicas, porque se apoia em substratos corporais. Argumentamos também que o modelo neuropsicológico, estratificado e hierárquico de Damásio apresenta uma potencial confluência com descrições freudianas do *ego* e da memória.

Palavras-chave: Psicanálise. Neurociências. Freud. Self. Corpo.

Abstract: This article explores theoretical and methodological aspects of reading and reception that Freudian concepts and descriptions have had in the neuroscientific context of the last 30 years. Specifically, we demonstrate some central issues that the contemporary neuroscientific community has addressed to psychoanalysis, through the scientific and physiological project of naturalization of the mind directed by Eric. R. Kandel. We discuss the conceptual and programmatic parameters of this project and highlight its strengths and failing from the point of view of the subjectivity approach, from the perspective of psychoanalysis. We think that António R. Damásio's theory of consciousness and self is more consistent in addressing the qualitative and phenomenal dimension of psychic functions, because it is supported by bodily substrates. We also argue that Damásio's stratified and hierarchical neuropsychological model presents a potential confluence with Freudian descriptions of the ego and memory.

Keywords: Psychoanalysis. Neurosciences. Freud. Self. Body.

¹ Professora Assistente no Departamento de Psicologia da faculdade de Ciências de Bauru e do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9529234724656394>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2657-9490>.

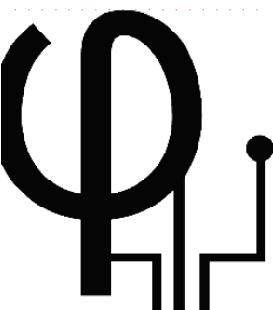


INTRODUÇÃO

O presente trabalho se insere no esteio das relações propostas entre a neurobiologia contemporânea e a psicanálise. Essa foi uma temática emergente desde o final da década de 1990 e durante os anos 2000, a qual tem se apresentado de forma mais discreta ao longo da última década. Não é que, atualmente, exista um declínio das discussões sobre o diálogo entre a psicanálise e os modelos neurocientíficos, mas, precisamente, os anos 90 e os anos seguintes foram marcados por uma expansiva produção de estudos neurocientíficos que endereçavam questões a Freud e suas teorizações. Diversos trabalhos do campo das neurociências cognitivas propunham correlações entre estudos neurocomportamentais, de neuroimagem e descrições psicanalíticas clássicas. Algumas vezes, refutava-se a psicanálise, como ocorreu com a noção de repressão e amnésia da primeira infância; neste caso, especificamente, graças aos avanços das pesquisas sobre o papel da experiência na plasticidade nervosa. Em outras ocasiões, validava-se algumas das principais descobertas freudianas, como a teoria dos sonhos, que teve alguns de seus componentes acessíveis à verificação empírica, a partir do colossal estudo *The neuropsychology of dreams: a clinico-anatomical study* (1997), no qual se investigou prejuízos na função do sonhar em casos de 361 pacientes com lesões neurológicas.

Peter Gay (1989) comenta que, às vésperas de uma publicação, Freud era acometido de desconfortos psicossomáticos e de uma auto-crítica desoladora. O fato é que Freud punha suas hipóteses à prova e, consequentemente, ele se expunha. Freud também se preocupava com a exposição clara de suas idéias, e fazia a revisão das mesmas quando julgava necessário: “nós só podemos esclarecer um assunto científico depois de ter exposto claramente os problemas” (FREUD, 1891, p. 155). Entretanto, o terreno das discussões entre a psicanálise e as neurociências testemunhou exatamente o oposto: o debate antecedeu a exposição e a compreensão dos problemas.

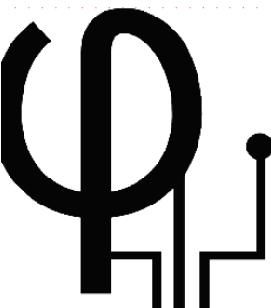
Parece estranho começar a falar de uma coisa por aquilo que ela não é. Há um notável antagonismo finalista nos debates gerados em torno da relação entre psicanálise e neurociência, entre os círculos favoráveis a um princípio de diálogo e os setores fechados à tal interlocução. A este respeito, curiosamente se constata que a recepção das neurociências pelos psicanalistas causou um tanto de ceticismo como de entusiasmo (BEUTEL *et al.*, 2003). A aproximação da psicanálise com a ciência do mental evocou grande antipatia por parte de certos setores psicanalíticos, especialmente nas escolas do campo lacaniano, e do lado da filosofia da mente não foi tão diferente. Para alguns, a combinação entre hipóteses sobre o cérebro e



o funcionamento mental implica uma confusão lógica (EDELSON, 1984). Para Guerra e Xavier (2008), a formulação de modelos empíricos para categorias mentalistas é um contra-senso ou como assinala Arnold Goldberg: “não existe lacuna entre neurociência e psicanálise. São mundos separados” (2000, p. 92). É preciso destacar um segmento que não considera a psicanálise, e nem a psicologia, como campos válidos da produção de saber para a comunidade acadêmico-científica, a exemplo do reducionismo eliminativista que se encontra em, por exemplo, Steven Stich, Paul Churchland e Patricia Churchland (BENNETT & HACKER, 2003, p. 366).

Davidovich e Winograd (2010) fizeram um estudo de sistematização sobre os debates em torno da possível articulação entre a psicanálise e o conhecimento produzido nas neurociências, identificando formas de recepção desses debates no campo psicanalítico, como “três grupos principais, definidos a partir de seus pressupostos: (1) hibridação, (2) isolamento e (3) interlocução” (2010, p. 801). Este terceiro grupo descreve a tentativa de produzir um novo campo de saber com características interdisciplinares, representado pela Neuropsicanálise e pelas formulações de Eric Richard Kandel, assim como a tendência de recusa de qualquer tipo de interlocução presente no campo lacaniano (designados como isolacionistas), enquanto a vertente da interlocução é aquela que levaria em conta a episteme e o método específicos de cada área do conhecimento.

Eric Kandel, Jean-Pierre Changeux, Gerald Edelman e outros neurocientistas, como Joseph LeDoux, António R. Damásio, Howard Shevrin, Rodolfo Llinás, Marc Jeannerod, endossam o materialismo neurocientífico, mas não necessariamente o materialismo eliminativista, este que considera os construtos psicológicos dispensáveis. Entretanto, para outros neurocientistas, a organização neuronal, bem como a relação entre indivíduo, seu cérebro e o meio externo oferecem dados indispensáveis para a composição de uma teoria científica da mente, mas sem excluir os conceitos da Psicologia, da Psicanálise ou da Psiquiatria. As teorias neurobiológicas da mente têm no materialismo seu pressuposto fundamental: “a compreensão da organização funcional do cérebro passa pelo estudo anatômico das conexões estabelecidas entre células nervosas individuais” (CHANGEUX & RICOEUR, 2001, p. 83). O materialismo neural está explicitado desde meados da década de 1980, no avanço de uma literatura presente nos periódicos de Neuropsiquiatria, de Neurociência e de Psicanálise, nos quais muitos trabalhos passaram a sugerir aproximações gradativas entre a neurobiologia e as ciências psicológicas (REISER, 1984; ERDELYI, 1985). Também propuseram discussões para a psicanálise freudiana, para a teoria das relações objetais (CLYMAN, 1991; IMBASCIATI, 2003) e para as articulações da psicanálise com a neuropsicologia



dinâmica (SANDRETTTO, 2004; LANE & GARFIELD, 2005; PIRLOT, 2007).

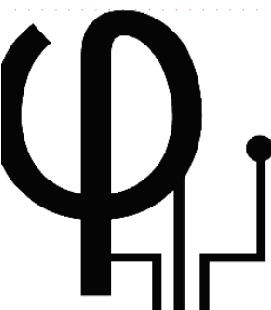
Este artigo propõe abordar a psicanálise em relação a um contexto científico relativamente recente, como o dos anos 90 do século XX até os anos 2000 e seguintes, de um modo mais programático e conceitual. Para tanto, será preciso recorrer à historicização da leitura e assimilação da psicanálise, especialmente de construções freudianas no campo das neurociências cognitivas e do que, desde o final do século passado, convencionou-se chamar de *nova biologia da mente*. Ao propor uma discussão sobre a recepção e interpretação da psicanálise pelos meios acadêmicos e neurocientíficos, não se pretende viabilizar alguma modalidade de releitura científica da psicanálise, tampouco apresentar os debates em si mesmos. Busca-se indicar o lugar que a psicanálise tem ocupado no recente contexto das ciências do cérebro e descrevê-lo como uma via legítima dentre os diferentes modos e estilos de recepção da filosofia em relação à psicanálise, e, mais precisamente, da relação da psicanálise com a filosofia da ciência e com a filosofia da mente em particular.

Serão apresentadas formulações e algumas teorizações de Eric Kandel e de António Damásio, do ponto de vista do que é central para o pensamento psicanalítico e para uma compreensão de suas interfaces com o projeto científico-filosófico de naturalização da mente, em Kandel e na teoria do *self* em Damásio.

1 UMA NOVA BIOLOGIA DO MENTAL REVISITADA

O desenvolvimento das neurociências exprimiu-se como uma tendência multidisciplinar de campos de pesquisa, sobretudo no último quarto do século XX, através de uma sucessiva integração de diversos níveis de conhecimentos sobre o cérebro e a mente, ao alinharem progressos em neuroanatomia, neurofisiologia, psicologia experimental, neuropsicologia, psicofísica e inteligência artificial (PEREIRA JÚNIOR, 2003). Esta tendência configurou as neurociências como um conjunto de disciplinas, “as ciências do comportamento desempenham um papel crítico na neurociência cognitiva: psicologia cognitiva, linguística, psicofísica e disciplinas relacionadas provêm descrições detalhadas do que o cérebro faz” (KOSSLYN & ANDERSEN, 1992, p. xxiii).

Desse modo, nos anos 1990, a palavra de ordem parecia ser interdisciplinaridade entre as pesquisas psicológicas e as pesquisas neurobiológicas. Duas grandes linhas de investigação representaram e ainda representam bem esse período: uma de pesquisa teórico-experimental – a exemplo dos modelos laboratoriais de Kandel sobre a memória

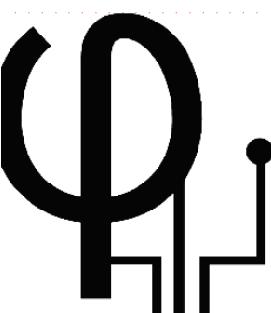


e plasticidade cerebral –, os protótipos de LeDoux sobre o medo e, oriundo da Imunologia, o modelo da consciência e seletividade neuronal de Gerald Edelman. A outra linha de pesquisa é de base anatomo-clínica, fundamentalmente apoiada em dados de neuroimagem (ressonância magnética funcional e tomografia) e na elaboração conjunta de modelos especulativos e interpretativos sobre as funções psíquicas e sua patologia, através da psicanálise e da escola de neuropsicologia dinâmica. Nesta vertente, encontram-se a Neuropsicanálise e os estudos neurocientíficos sobre consciência e *self* em António Damásio. Esse autor, aliás, tem contribuído para a consolidação do afeto como substrato indispensável para a compreensão do problema mente-cérebro. Recentemente, ele reafirma que há muito se interessa pelo afeto, ao declarar que a pergunta que o move, desde o início da sua atividade como pesquisador, é por que temos emoções e sentimentos (DAMÁSIO, 2018).

A partir daquele período dos anos 90, que também foi eleito como “a década do cérebro” nos Estados Unidos (EUA), houve a ascenção do enfoque motivacional no campo das neurociências, ampliando o conceito de cognição. Então, um novo projeto materialista da neurologia é dedicado ao estudo das emoções, da consciência, do *self* e de outros aspectos qualitativos da experiência subjetiva, os quais haviam permanecido marginais às ciências da mente na maior parte do século XX. Estaria a neurociência cognitiva realinhando-se a uma tendência do final do século XIX? Freud e William James, por exemplo, já tratavam aquelas questões num projeto filosófico e científico igualmente abrangente. Contudo, as ciências da cognição viriam a enfrentar os desafios de acomodar os processos nervosos à experiência consciente do sentir, o que trouxe, inclusive, alguma atualidade ao pensamento freudiano em relação ao programa de pesquisa das ciências cognitivas (SIMANKE, 2006). Com efeito, a partir disso começa a ser reconhecido que a mente não se restringe à cognição, e seu estudo “pode ser distorcido pela falta de referências às emoções e às afecções corporais” (SIMANKE, 2006, p. 113).

Na Europa, houve um movimento correspondente. As discussões pioneiras conduzidas por Jean-Pierre Changeux estimularam a interlocução entre a ciência e as questões do campo filosófico, protagonizada através de seus célebres diálogos com o psicanalista Jacques-Allain Miller e depois com Paul Ricoeur. Essas discussões deram origem, respectivamente, ao *L'homme neuronal* (1983) e *La nature et la règle: ce qui nous fait penser* (1998). Este em co-autoria com Ricoeur.

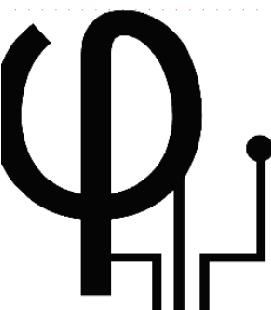
Na linha do estudo dos processos dinamicamente motivados, uma nova literatura ganhou corpo em neurociência, em neuropsicologia e nas ciências cognitivas em geral. Destacam-se tópicos convergentes com a Psicanálise, como inconsciente cognitivo,



neurobiologia da consciência, substrato corporal das emoções, psicoterapia e mudanças estruturais no cérebro. Além de *O erro de Descartes* (1994), outro importante trabalho de Damásio, o *Mistério da Consciência* (2000), defende a importância das representações corporais para a formação das cartografias mentais e de estados afetivos relacionados à autoconsciência. Joseph LeDoux publica *The emotional brain* (1996), Gerald M. Edelman (1993) trabalha com a noção de que o reconhecimento neural é seletivo, já que o sistema imunológico pode distinguir entre um *si mesmo* e um *não-si*. Assim, os clássicos trabalhos do psicólogo Howard Shevrin ganharam destaque nesse novo cenário. Howard Shevrin demonstrara, desde o final da década de 1960, que estímulos visuais subliminares podiam ser captados pelo cérebro, mesmo sem serem percebidos conscientemente, sinalizando as bases experimentais para o conceito de inconsciente. Ao mesmo tempo, outros grupos começam a se organizar institucionalmente, como o Grupo de Estudos em Neurociências e Psicanálise, fundado em 1994, no Instituto de Psicanálise de Nova York, que se tornaria a Sociedade Internacional de Neuropsicanálise em 2000.

A propósito, de modo isolado ou em grupos menores, alguns pesquisadores supunham a existência de tópicos de interesse comum entre as agendas de neurocientistas e de psicanalistas. Então, em 1994, sob a coordenação do psicanalista Arnold Z. Pfeffer e de James Schwartz, organiza-se o primeiro Grupo de Estudos de Neurociência e Psicanálise em Nova York, que daí por diante contou com o apoio intelectual ou a participação efetiva de nomes bem conceituados, tanto em neurociência como em psicanálise. Além de Damásio e de Joseph LeDoux, estavam presentes Oliver Sacks, Oliver Turnbull, Jaak Panksepp e psicanalistas, como Charles Brenner, André Green, Mark Solms, Karen Kaplan-Solms, Arnold M. Cooper e Daniel Stern. Todos deram início a um programa geral de diálogos, na tentativa de disponibilizar o arsenal conceitual da psicanálise, a fim de investigar a ação de lesões neurológicas em áreas ligadas aos processamentos da afetividade, do senso percepção e da consciência, explorando as alterações de personalidade e sua base neuroanatômica e psicodinâmica. A produção do grupo de Nova York logo gerou a revista “Neuro-psychoanalysis”. Em julho de 2000, em função da revista, o referido grupo de estudos, já conhecido como Grupo de Neuropsicanálise, promove seu primeiro congresso internacional, onde é criada a sociedade “International Neuro-psychoanalysis Society”, vigente até os dias atuais.

Todavia, alguns outros trabalhos em neurociência permaneceram mais ao nível da tradução experimental dos conceitos freudianos, a fim de convalidá-los ou refutá-los, e sem a vinculação a um enquadre conceitual mais integrado, tais como Levin (2003), Imbasciati (2003), Semenza (2001), dentre outros. André Green reporta o âmbito da



tradução empírica conceito a conceito como sendo um projeto limitado, pois o aspecto em que a psicanálise mais pode contribuir para as neurociências encontra-se no conjunto do pensamento psicanalítico freudiano, e não no esquartejamento de conceitos e seus contextos de elaboração e de aplicação, em prol apenas de replicação e aprovação empírica:

Freud tem uma considerável consistência teórica, mas do que qualquer outro (psicanalista), mesmo que isto agora seja colocado em questão. O que eu recomendo é estudar seu trabalho, tentando tomar a consistência interna mais do que considerar fatos isolados para os quais ele chamou atenção. (GREEN, 1999, p. 44)

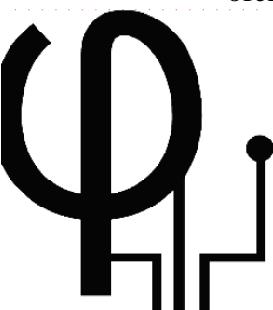
Para ilustrar um modelo neurocientífico que se distingua da atitude excessivamente empirista e instrumental, mencionada por Green, a seção seguinte será dedicada ao ambicioso enquadre empírico-conceitual proposto por Eric Kandel. Nesse enquadre, encontra-se um programa naturalista e monista, do ponto de vista de que o *mental reflete o trabalho do cérebro*, embora este projeto tenha um caráter bastante programático e integrativo. Os novos parâmetros conceituais de Kandel encontram-se na vanguarda da sistematização de um programa de estudos multidisciplinares em neurociência. A neuropsicanálise também conta com um programa de estudos, embora em um enquadre predominantemente neuropsicológico e clínico, mas em continuidade com o projeto de Kandel.

2 NOVOS PARÂMETROS PARA AS NEUROCIÊNCIAS: MEMÓRIA, DESEJO E SINAPSES

Eric Kandel deu um passo inaugural na elaboração de aproximações entre neurociência e psicanálise, tornando-se um porta-voz da integração entre estes campos de saberes, em nome de uma nova biologia da mente:

A biologia do próximo século está, de fato, em boas condições para responder algumas questões sobre *memória* e *desejo*, cujas respostas serão mais ricas e significativas se forem forjadas por um esforço sinérgico entre biologia e psicanálise. (KANDEL, 1999/2005, p. 69, grifos nossos)

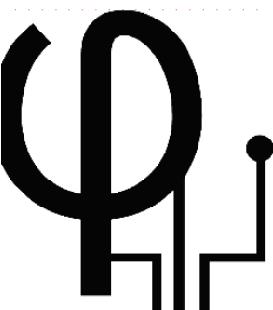
Segundo Kandel, a psicologia cognitiva, a psiquiatria e a psicanálise têm condições de oferecer novas diretrizes conceituais às neurociências, a fim de formular teorias mais sistemáticas e humanistas. Ele mesmo sugere problemáticas centrais, nas quais uma colaboração entre aquelas disciplinas seria produtiva: a natureza dos processos mentais



inconscientes, a causalidade psíquica, a experiência precoce e predisposição para as psicopatologias, as interações entre o pré-consciente, o inconsciente e o córtex pré-frontal, psicoterapia e suas relações com o cérebro e uma psicofarmacologia aliada à psicanálise.

A expressão “novos parâmetros conceituais” refere-se ao polêmico artigo de Eric Kandel, “A new intellectual framework for psychiatry”, publicado no *American Journal of Psychiatry* (vol. 155, n. 4, 1998, pp. 457-469, 1998). Em outro artigo, “Biology and the future of psychoanalysis: a new intellectual framework for psychiatry revisited” (1999), publicado na mesma revista, ele responde ao grande volume de críticas dos psicanalistas, suscitado pelo primeiro artigo. Mas é em *Psychiatry, psychoanalysis and the new biology of mind* (2005), uma coletânea de artigos publicados em datas distintas, que Kandel retoma a versão integral de seus trabalhos, desde 1979 até 2001, inclusive os *papers* controversos de 1998 e 1999. Essa obra contém uma descrição dos impactos da biologia molecular na neurobiologia contemporânea, alguns capítulos levam o estudo dos canais iônicos para o primeiro plano da memória de curto prazo e de longo prazo, como em Kandel (1983/2005). Kandel relata a operacionalização de modelos experimentais de ansiedade e de aprendizagem através de procedimentos como habituação, sensibilização e condicionamento clássico pavloviano. Na coletânea de 2005, também se aborda a eficácia da psicoterapia através de sua ação morfológica nas sinapses, bem como são discutidas questões que extrapolam o campo científico em direção à filosofia da ciência, como a apostila de que a biologia molecular e a genética fornecerão novos *insights* para a compreensão do indivíduo, além de um novo conceito de mente a partir de consensos sobre a investigação do problema mente-cérebro, aliando procedimentos experimentais rigorosos e testáveis a procedimentos teóricos e clínicos, consolidados na abordagem dos fenômenos subjetivos.

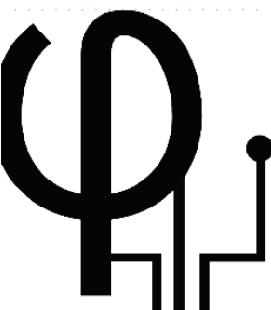
Nesse sentido, “a psicanálise ainda representa a visão mais coerente e satisfatória sobre a mente” (KANDEL, 1999/2005, p. 64), ao mesmo tempo em que Kandel insiste na necessidade de renovação do pensamento psicanalítico através da biologia contemporânea e de uma “relação estreita com a biologia geral e a neurociência em particular” (1999/2005, p. 64). Kandel acrescenta que a força da psicanálise não pode ser diminuída pela biologia, seu papel no *framework* seria “a psicanálise pode servir como tutora competente e realisticamente orientada para uma compreensão sofisticada do mente-cérebro” (1999/2005, p. 94). Ele também argumenta que a psiquiatria assimilaria novos parâmetros conceituais para se atualizar com o emergente cenário neurobiológico e desvencilhar-se da estagnação intelectual que herdara do pensamento psicanalítico na segunda metade do século XX (1999/2005). Kandel defende uma revisão curricular na formação psiquiátrica e na formação de outros clínicos



em saúde mental, levando em conta que: 1) todos os processos mentais são neurais; 2) genes determinam os padrões de conexões neurais; 3) experiência altera a expressão dos genes; 4) aprendizagem muda conexões neurais e 5) psicoterapia também altera a expressão genética.

Na sequência, delineiam-se alguns destaques aos parâmetros naquilo em que eles são mais expressivos para a posterior indicação de fragilidades e pontos fortes do programa neurocientífico em questão e também para mencionar alguns aspectos pertinentes à visão psicodinâmica da psicanálise. Os parâmetros 3 e 4 correspondem aos estudos pioneiros de Kandel sobre memória e aprendizagem desde final da década de 60. Esses trabalhos se tornariam um marco da demonstração experimental da plasticidade nervosa e do seu papel decisivo nas pesquisas cerebrais das próximas décadas, sobretudo por ancorar a emergência de uma visão dinâmica do sistema nervoso (BOCCHI, 2015). Concebe-se o cérebro em atividade, graças aos avanços em tecnologia de neuroimagem funcional. Eric Kandel e Alden Spencer utilizaram a *Aplysia californica* (lesma-marinha) como modelo animal para investigar a relação entre padrão de estimulação ambiental e mudança comportamental duradoura. Hipótese semelhante ainda não havia sido demonstrada experimentalmente, embora já estivesse presente nas teorizações do neurologista Ramón y Cajal no fim do XIX. A relação entre o padrão de estimulação e a memorização também fora notada previamente por Donald Hebb e por John Eccles, na premissa de que a repetição da experiência torna a sua consecução mais fácil, por repercutir fisicamente nas sinapses. Kandel se refere a Eccles e Cajal, porém o psicólogo canadense já havia formulado uma primeira regra sobre reforço sináptico, conhecida como a “Sinapse Hebbiana”. Este postulado supõe uma “relação íntima entre ação reverberatória e mudanças duradouras nas sinapses”, uma atividade que torna a sinapse mais facilmente percorrida (HEBB, 1949/2002, p. 49).

As descobertas neurocientíficas de Kandel e colaboradores levaram à renovação da compreensão neuroquímica e da dinâmica temporal presentes nos processos da memória, vindo a contribuir para a importante formulação da potenciação de longa duração (LTP, do inglês *Long Term Potentiation*). Vale a pena assinalar que, se atualmente a memória é compreendida sob um prisma neurodinâmico, isso não foi inaugurado pelas neurociências contemporâneas. A grande inovação neste ponto corresponde às evidências experimentais que dão respaldo para uma teoria mais moderna sobre a memória. Algumas dessas descobertas neurocientíficas corroboram certas prerrogativas de Freud sobre a memória e sobre os processos psíquicos em geral. Para ocorrer uma LTP, é preciso que um novo estímulo seja aplicado à célula nervosa em processo de despolarização: “uma mudança ocorrerá somente se o neurônio recebe os *inputs* corretos *simultaneamente*. A *sincronicidade* aparece como um



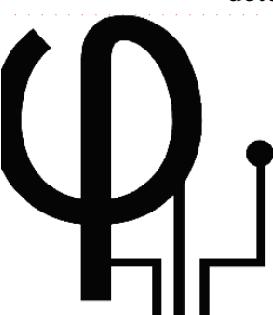
importante aspecto” (HÖLSCHER, 2001, pp. 2-3. Grifos nossos). A LTP resulta da somação de potenciais excitatórios pós-sinápticos. Bocchi e Viana (2012) indicaram tal propriedade neuronal associativa como tendo ressonâncias com princípios pensados por Freud em *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1950): a “Lei de Associação por Simultaneidade” e ação inibitória das ocupações laterais do Eu, nas quais a ocupação de dois neurônios juntos cria uma facilitação maior que a ocupação de apenas um.

Existem aproximações entre aspectos da teoria da memória em Freud, a neurobiologia subjacente ao conceito de facilitação (*Bahnung*), a ideia de LTP e essa concepção dinâmica que desponta a partir de investigações neurocientíficas mais recentes, a fim de apontar a existência de uma mesma linha de pensamento sobre a memória, ligada à integração contínua de funções psíquicas e à experiência do seu uso. (BOCCHI & VIANA, 2012, p. 497)

2.1 Todos os processos mentais são neurais

Este é um dos princípios centrais do pensamento de Kandel, qual seja, de que todos os processos mentais, desde os mais simples aos mais complexos, como o pensamento e a expressão verbal, têm seu fundamento material e ontológico em operações cerebrais: “o que frequentemente chamamos de mente é uma extensão das funções executadas pelo cérebro” (KANDEL, 1998/2005, p. 39). Assim, por meio de um *continuum*, o mental reflete o trabalho do cérebro, Kandel se insere em uma acepção monista da mente. Seu reducionismo biológico é levado às últimas consequências. Ele buscou a memória em um molusco (modelo animal), no metabolismo das trocas intracelulares. Todavia, o reducionismo de Kandel não exige que a biologia seja a única fonte explicativa para os fenômenos sociais, tampouco que os conceitos psicológicos sejam substituídos por entidades biológicas mais puras. Entidades como ‘motivação’, ‘crença’, ‘desejo’, ‘prazer’, ‘intenção’ não são provisórias no *framework* de Kandel. Embora seu reducionismo epistemológico seja radical (cérebro e mente não são concebidos como objetos de natureza distinta), ambos requerem pontos de vista e técnicas próprios às suas abordagens, caso contrário a intenção de diálogo com o referencial psicodinâmico perderia sua eficácia.

Como resultado, esse primeiro princípio aponta que a ausência de danos estruturais não descarta a substrato orgânico da lesão, pois haveriam mudanças biológicas mais sutis e não detectadas pelas atuais ferramentas diagnósticas. Kandel (1998/2005) refere que mesmo os distúrbios mentais fortemente determinados pelo social possuem componentes biológicos, pois a atividade cerebral é concomitantemente ativada nas funções psíquicas. Essa lógica,



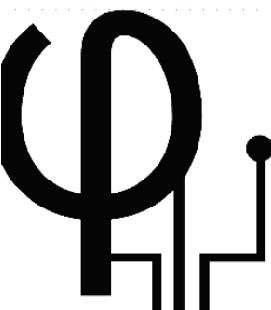
essencialmente, invalida a distinção entre evento orgânico e evento funcional, o que importa é em qual grau o processo é determinado pela genética ou pelo desenvolvimento psicossocial. Apesar do princípio continuista de que mental é neurológico, esse causalismo do cérebro para com a mente deixa o horizonte do problema mente-corpo mais imprevisível e difuso: a questão passa a ser como o social modula a estrutura biológica e como o cérebro gera o dado mental qualitativo, indispensável ao processamento sensorial e afetivo das imagens e sentimentos.

As neurociências tomam essa relação como uma demonstração da organicidade do psíquico, mas esse aspecto permanece como um impasse epistemológico na aproximação entre os modelos neurobiológicos e os conceitos da psicanálise. Tal dificuldade tem sido formulada através do argumento da lacuna explicativa (*explanatory gap*). Um maior conhecimento sobre os substratos neurais do processamento cognitivo não basta para explicar a passagem do sensorial para o dado fenomênico, naquilo que diz respeito à dimensão subjetiva. Assim, a atividade elétrica de um sítio cerebral necessário para o processamento da cor não diz como surgem os sentimentos em relação ao vermelho. O programa de naturalização do mental da neurociência cognitiva ainda não ultrapassou o desafio de determinar o nexo entre as propriedades materiais do cérebro e as propriedades qualitativas do mental.

2.2 Genes são determinantes dos padrões de conexões neurais

Boa parte da antipatia em relação à genética vincula-se a uma concepção imprecisa que, frequentemente, associa a herança geracional a um determinismo unidiretivo e fatalista (PLISZKA, 2004; KANDEL, 1998/2005). Mas os genes têm duas funções e uma delas é uma janela para a influência de fatores externos. A “transmissão” é afetada somente pelas mutações, enquanto que a “transcrição” determina quais genes serão ou não expressos, e esse segundo processo é regulado por fatores ambientais. Essa visão foi possibilitada pela queda do dogma central sobre a troca de informações entre DNA e RNA. De acordo com Francis Crick e James Watson, descobridores da estrutura do DNA, pensava-se que o sentido da informação para a codificação de proteínas era sempre do DNA para a molécula intermediária (RNA mensageiro), que faria a tradução final para a formação das proteínas. A descoberta dos retrovírus, entretanto, mostrou que o DNA também pode ser sintetizado a partir de um molde de RNA e, desse modo, chegou-se no diagrama DNA ↔ RNA → Proteína. Os processos biológicos, portanto, estão

longe de serem estritamente determinados pelos genes e a função dos genes não se restringe à transmissão dos caracteres intergeracionais. Estudos com o modelo animal mostraram que vias neurológicas complexas e determinadas geneticamente poderiam ser



suspensas pela experiência em uma dada situação e restauradas em outra (KANDEL, 1979/2005).

A partir de então, surgem novas bases para a discussão das relações entre genes e ambiente. A plasticidade de curta duração implicava na modificação das proteínas e das *conexões sinápticas já existentes*, “enquanto que as mudanças sinápticas de longa duração envolvem a ativação da expressão dos genes, novas sínteses protéicas e a formação de **novas conexões**” (KANDEL, 2000/2005, p. 364). Assim, a herança genética e fatores da experiência especificam as conexões neuronais, envolvendo tais e quais neurônios e como eles se comunicam.

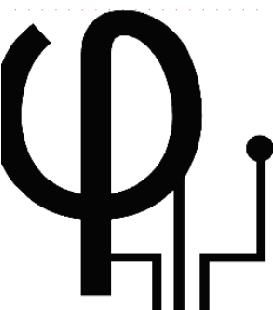
2.3 Psicoterapia também altera a expressão genética

As psicoterapias também promoveriam mudanças comportamentais substanciais, visto que são experiências duradouras e significativas; elas também operam conformações genéticas ao produzirem alterações funcionais e estruturais nas sinapses (KANDEL, 1998; 1999). Os fármacos podem ajudar a consolidar as mudanças psicoterápicas através de sua ação nos níveis metabólicos de neurotransmissores e de receptores. Há trabalhos indicando que as psicoterapias atuam no cérebro com maior eficácia nas terapêuticas clínicas conjugadas (KANDEL, 1998; 1999; PLISZKA, 2004; CARHART-HARRIS *et al.*, 2008).

Esse princípio aponta que o programa neurocientífico de Kandel reserva um lugar para o potencial terapêutico das intervenções psicológicas. O autor espera que as novas técnicas de imageamento cerebral ainda possam ser usadas não apenas para fins diagnósticos, mas também para monitorar os progressos das psicoterapias. Contudo, as relações entre psicoterapia e atividade cerebral requerem inúmeros outros desdobramentos. Eventuais inconsistências e dificuldades metodológicas em estudos de neuroimagem comprometem a correta avaliação sobre a experiência emocional corretiva e as mudanças na personalidade e se elas seriam ou não atribuíveis ao tratamento (BEUTEL *et al.*, 2003). Nesse sentido, o estudo de caso convencional pode ser interessante para um diagnóstico diferencial.

Vitor Manuel de Andrade (2003) pontua que a psicoterapia psicanalítica pode atuar como um método natural de desenvolvimento psíquico, porque uma intensa relação afetiva seria atualizada na vivência analítica:

as relações afetivas são capazes de operar alterações químicas em circuitos neurais, a neurociência está validando a ação da psicanálise como método



capaz de ensejar restaurações de falhas narcísicas do *ego* através da relação transferencial. (ANDRADE, 2003, p. 1060)

Sendo assim, um benefício do intercâmbio entre psicanálise e neurociências cognitivas pode advir exatamente dessas constatações.

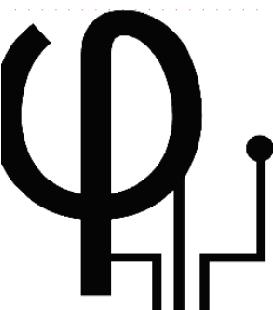
2.4 Discussão

Os *pontos fortes* do programa naturalista de Kandel são: as características inter ou multidisciplinares do projeto (a depender do modo como as disciplinas estabelecem suas trocas); a tendência a integrar saberes convergentes e a apostar metodológica e pragmática de que a área *Psi* pode colaborar em certas questões críticas, sem abrir mão de sua arquitetura epistemológica. Contudo, para que o quadro de referência de Kandel se desenvolva como um projeto científico-filosófico, tal como ele almeja, será preciso uma interlocução mais realista com a psicanálise, de forma que as neurociências também estejam abertas para rever seus pressupostos, se necessário.

Essa é a condição para se chegar a uma plataforma de ideias e tarefas convergentes sobre o mental. Questões como fazer disciplinas tão díspares em termos de metodologia, campo e objeto de investigação interagirem e revisarem lacunas conceituais que ainda não foram esgotadas no campo filosófico e nem mesmo na psicanálise, como mente, consciência, percepção e qualidade, estão entre os problemáticas que permaneceram inequacionados também na metapsicologia freudiana, como questões entre consciência e inconsciente (CAROPRESO, 2006), por exemplo.

Outra questão é que muitos experimentos neurocientíficos são feitos sobre uma profunda incompreensão das noções psicanalíticas, correndo o risco da localização topográfica de fenômenos psíquicos, como o inconsciente e a repressão, além de culminarem na confusão entre as propriedades inibitórias cerebrais e a repressão (POMMIER, 2007). Outra potencial confusão diz respeito à diferença entre o inconsciente cognitivo e o inconsciente psíquico. Ora, é preciso entender que a ausência de consciência é a regra dos processos biológicos. Como discernir o inconsciente psíquico e o inconsciente cognitivo dos modelos neurocientíficos?

Em diferentes oportunidades, Kandel (1998; 1999; 2001; 2007) coloca que a psicanálise precisaria se vincular ao moderno cenário neurocientífico, caso contrário sua teoria da mente tornar-se-ia somente especulativa e desacreditada pela comunidade acadêmica. Para o autor, não se contesta a eficácia do tratamento psicanalítico, mas justamente por essa razão

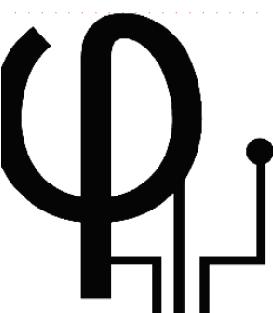


é interessante que seu método possa ser testado por novos dispositivos (gravação de uma parte das sessões e supervisões, uso de tecnologia de imagem na clínica, investigação comparativa e evolutiva, etc), assim como algumas correntes psicoterápicas estão fazendo. Kandel lembra que experiências dessa natureza não são inéditas na psicanálise. Na década de 40, René Spitz, John Bowlby e Margareth Mahler fizeram observações de campo sobre o desenvolvimento de crianças institucionalizadas e forneceram modelos teóricos sobre depressão anaclítica, simbiose e a teoria do apego, operacionalizando uma abordagem que extrapolou os limites do tratamento psicoterápico. Segundo Kandel, essa renovação do pensamento psicanalítico é necessária para a ultrapassagem do ponto de crise de estagnação em que a psicanálise se encontrava ao final do século XX, devido ao anti-intelectualismo pós-freudiano a respeito do avanço das investigações científicas. A saída proposta por Kandel vai desde abarcar reestruturações conceituais, mudanças institucionais, formação mais rigorosa dos psicanalistas até à inclusão de conhecimentos básicos em neurologia.

Para seguir de forma mais problematizadora, não pode haver ilusões. Kandel barganha protocolos de aprendizagem reflexa (de Ivan Pavlov) pelos protocolos biológicos ao nível do núcleo das células nervosas, como ilustra os títulos de alguns dos seus capítulos: “The Biological Basis of Individuality” e outros como “From metapsychology to molecular biology: explorations into the nature of anxiety” ou “Psychotherapy and the single synapse: the Impact of Psychiatric Thought on Neurobiological Research”.

A metapsicologia freudiana, por sua vez, dispõe de uma teoria psicológica mais coesa em relação aos tradicionais modelos neurobiológicos da mente que, via de regra, concentram-se em funções específicas do sistema nervoso. Isso levanta, para a neurobiologia, o problema da “ligação” (*bridging*) e do modo como o cérebro coordena o funcionamento dos seus sistemas para gerar a unidade da percepção e do pensamento. A psicanálise, por sua vez, poderia contribuir com a noção de sujeito. Esta parece ser, então, a principal fragilidade da proposta que apresentamos.

Por outro lado, o modelo de António Damásio parece dar um passo além do programa estrutural de Kandel, na medida em que Damásio não abre mão do sujeito da representação. As primeiras imagens conscientes dos objetos e do indivíduo (ele mesmo) são indissociáveis do “sentimento de conhecer”, pois existe uma estreita relação entre o processamento de imagens e o de senso de perspectiva: “se essas imagens têm a perspectiva deste corpo que sinto agora, então essas imagens estão em meu corpo, são minhas” (DAMÁSIO, 2000, p. 236).

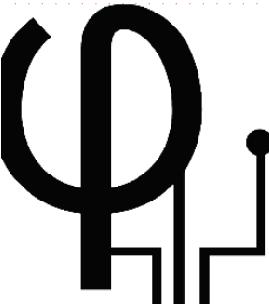


3 A TEORIA DO SELF E O SUJEITO CORPORAL EM DAMÁSIO

Damásio atribui à memória um papel de categorização e de temporalização da percepção, particularmente do sentido de *self*, aspecto central em sua proposta. A sua teoria da consciência é orientada pela busca da compreensão de como nos conectamos aos afetos e ao conhecimento produzido por eles, o *conhecimento de si*. As emoções e os estados conscientes surgem das afecções corporais e do modo como o *corpo vivo é representado no cérebro*. O princípio é que o corpo e a interação organismo-objeto são captados por sinalizações específicas na forma de cartografias cerebrais cujos padrões ou “mapas” neurais são retomados em níveis sucessivos de representação neuropsíquica e verbal. Em outras palavras, o corpo tem leituras próprias nos substratos neurais, diferente da leitura dos objetos. Mas estes padrões distintos interagem entre si e geram novas imagens, imagens com sentido, sentidos com palavras, e assim por diante.

Ao contrário da maioria das investigações neurocientíficas do século passado, que negligenciavam as representações corporais por privilegiarem categorias cognitivas (pensamento, visão, percepção, memória, etc), a tese central da concepção de consciência, em Damásio, é de que o *corpo também é um objeto permanente para o cérebro*. Todo organismo é equipado para trabalhar dentro de uma homeostase das funções vitais, tais como níveis estáveis de temperatura, pressão sanguínea, ritmo cardíaco, taxas hormonais, etc. Enquanto determinadas partes do cérebro mapeiam a entrada de objetos – perceptos auditivos, visuais ou recordações de situações vividas –, outras partes mapeiam apenas o funcionamento do corpo (músculo, pele, órgãos). Várias regiões cerebrais estão incumbidas de gerar um mapeamento somático específico, sendo assim, “não podem mapear nada além do corpo, e fazem isso com mapas em grande medida pré-estabelecidos. São a audiência cativa do corpo” (DAMÁSIO, 2000, p. 40). É refutada a adesão à concepção clássica do homúnculo, seu modelo não “percebe”, não “fala”, as imagens não são contadas por algo ou alguém. A cada momento, um tipo de conhecimento está sendo apresentado ao organismo, mesmo que nada lhe seja solicitado (Quem faz? Quem sabe?). Não se fez nenhuma pergunta ao *self*, ele não interpreta, “o conhecimento é produzido” (DAMÁSIO, 2000, p. 247).

Haveria, no entanto, algo semelhante a uma audiência cativa dos estados perceptivos e viscerais do corpo; esse nível pré-reflexivo das representações do organismo é o precursor do primeiro sentido do *self*: “Esses mecanismos representam continuamente, de modo inconsciente, o estado do corpo vivo, em suas numerosas dimensões” (DAMÁSIO, 2000, p. 42). Esse processamento de sinais e mensagens sobre o corpo, em suas interações



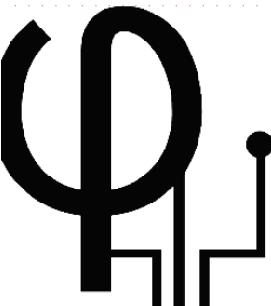
internas e externas, formam o que ele chama de *proto-self* (ainda não é um *self* psicológico, mas é a base inconsciente do *self*), caracterizado pelas representações somato-viscerais ocultas à consciência na maior parte do tempo. A autoconsciência emerge a partir de um sentimento de que algo acontece na relação com o objeto percebido. Este é o ***self central***:

Quando internamente nosso organismo constrói e exibe um tipo específico de conhecimento sem palavras – o conhecimento de que nosso organismo foi mudado por um objeto [...]. A forma mais simples na qual esse conhecimento emerge é o sentimento de conhecer. (DAMÁSIO, 2000, pp. 218-219)

Esse saber “sutil” – um “relato” na forma de imagem – corresponde aos efeitos do objeto (externo ou recordações) nas representações inconscientes do *proto-self*. O *self central* se forma quando os padrões gerados pelo *proto-self*, a partir daqueles núcleos vitais automáticos, são representados *uma segunda vez* por “estruturas de segunda ordem”². As operações corticais do *proto-self* são atualizadas em outros níveis organizativos através das áreas responsáveis por uma segunda leitura das informações somáticas: “a primeira base para o você consciente é um sentimento que surge na ‘re-representação’ do *proto-self* inconsciente no processo de ser modificado dentro de um relato que estabelece a causa da modificação” (DAMÁSIO, 2000, p. 222). Esse primeiro “você” consciente tem o sentimento de que algo aconteceu com ele. Do ponto de vista evolutivo, isso teve um valor de auto-preservação por ligar a regulação corporal da vida ao processamento mais eficiente de imagens, o que permite o discernimento entre o que pertence ou não ao organismo, uma primeira base para o si mesmo (DAMÁSIO, 2000).

O relato referido por Damásio é uma “narrativa sem palavras”, isto é, o processamento neurológico (e não linguístico) de eventos inter-relacionados de maneira lógica. A diferença entre os mapas de primeira e os mapas de segunda ordem não é apenas o tipo de estrutura ativada, mas a *sucessão temporal* entre os eventos. O padrão de segunda ordem resulta da troca transitória de sinais entre sítios cerebrais específicos, capazes de receber mensagens de origens diferentes, fazer a convergência entre sensações corporais e não-corporais e produzir uma atividade neural sincronizada com os acontecimentos, além de integrar as imagens ao fluxo de pensamentos e sinalizar às estruturas (de primeira ordem) que processam o objeto, para que este seja realçado, isto é, devolvem o relato em uma representação da representação. Damásio recusa um localizacionismo *strictu sensu*, ele trabalha com uma noção dinâmica, de topografia múltipla e distribuída, na qual a interação espacial, a temporalidade e relações lógicas são

² Cf. Damásio (2000, p. 220 e segs), nas quais o autor amplia a discussão de como as imagens afetam o corpo (como organismo) e este responde através da emergência de outros níveis de representação cerebral (os mapas de segunda ordem).



fundamentais. A hipótese da consciência central (ou estruturas de segunda ordem) é remetida à atividade dos colígulos superiores e dos córtices do cíngulo sob a coordenação do tálamo. O *proto-self* estaria relacionado a alguns córtices sômato-sensitivos, núcleos do tronco cerebral, o hipotálamo, etc:

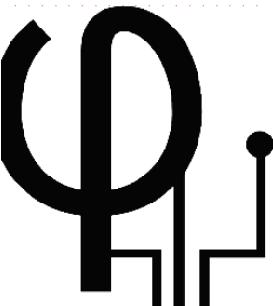
Desconfio que todos esses candidatos têm um papel na consciência, que nenhum deles age sozinho e que o campo de ação de suas contribuições é variado [...]. A noção de *interação* entre essas estruturas é crucial para minha hipótese. (DAMÁSIO, 2000, p. 233, grifos nossos)

O relato da interação organismo-objeto e o realce das imagens do objeto chegam ao mecanismo da atenção. O sujeito sabe da existência dos objetos porque eles são realçados na mente quando se presta atenção neles. O relato não verbal de segunda ordem é, posteriormente, convertido em linguagem – nos padrões de terceira ordem, quarta ordem –, já que, inevitavelmente, muitos objetos percebidos tornam-se verbalmente presentes na consciência e interagem com outros eventos mentais (imagens, crenças, signos linguísticos).

Esse *self* (central) repete-se para cada objeto que toca a experiência sensível do sujeito, inclusive ligados a uma outra temporalidade psíquica. A rememoração é a retomada das imagens partir de suas propriedades sensoriais (som, odor, forma), e também “da participação motora de nosso organismo no processo de apreender aqueles aspectos relevantes: nossas reações emocionais a um objeto, nosso estado físico e mental mais amplo no momento de apreender o objeto” (DAMÁSIO, 2000, p. 237). Na neurociência atual, o ato de pensar é compreendido como um processo ativo, suficiente para alterar mapas neurológicos de modo semelhante à presença do objeto externo em si mesmo. Tanto as ações como seu planejamento ou rememoração têm efeitos físicos similares para o cérebro.

O *self* central é incessantemente renovado, em uma operação que confirma ao sujeito quem ele é, um fenômeno constante durante a vigília. A continuidade fenomênica da consciência depende dos suprimentos quase contínuos dessa consciência central. Tais mecanismos são suspensos durante o sono e em estados patológicos diversos, como o coma, o estupor, crise de ausência, etc. Embora constante, o *self* central não é o *self* permanente; ele é o *self* do “aqui e agora”, aquilo que diz que é você mesmo e fornece uma qualidade para a experiência consciente imediata. O *self* permanente e o sentido de identidade é o *self* autobiográfico:

Algum resíduo permanece após muitos surgimentos efêmeros de *self* central [...]. Os momentos fugazes do conhecimento em que descobrimos nossa



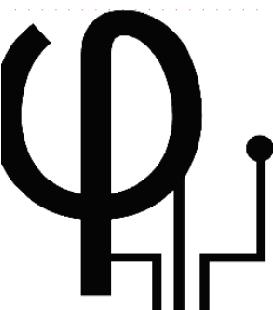
existência são fatos que podem ser registrados na memória. (DAMÁSIO, 2000, p. 223)

O autor refere um “eu” aparentemente em mudança e um “eu” aparentemente permanente, interligados, mas distintos. O *self* central não é exatamente modificado, mas passa por atualizações que se renovam a cada objeto: uma reprodução efêmera, mas estável do eu e do mim. Existe um *self* em que:

[...] alguma coisa perdura depois que a música acaba; algum resíduo permanece após muitos surgimentos efêmeros de self central [...]. Os momentos fugazes do conhecimento em que descobrimos nossa existência são fatos que podem ser registrados na memória. (DAMÁSIO, 2000., p. 223).

O *self* que parece permanecer o mesmo é o autobiográfico, porque surge do acúmulo de fatos fundamentais de uma vida, proporcionando ao indivíduo a sensação de continuidade; todavia, este *self*, à medida que acomoda novas experiências, é o único que é realmente modificado. Ao contrário dos pulsos da consciência central, o *self* autobiográfico não é apenas a sensação de existir no instante presente. Ele é ampliado temporalmente, pois responde pelo reconhecimento do que se percebe e seu contexto, sendo regressivo (passado) e prospectivo (futuro). Todavia, independente do quanto as memórias pessoais sejam expandidas, o *self* autobiográfico e a memória requerem os suprimentos da consciência central para funcionarem. Todo o edifício da consciência fica comprometido sem o *self* central: durante o ataque epiléptico, não se tem acesso à memória, porque a consciência central também está suspensa. Quando acaba a crise, a ponte é restabelecida. Por este motivo, a consolidação do *self* autobiográfico depende das repetições de experiências cotidianas e do alcance dinâmico dos fatos fundamentais de uma vida, assim como de um devir temporal responsável pela lenta diferenciação do sistema da memória: “cada memória reativada opera como um ‘algo a ser conhecido’ e gera seu próprio pulso de consciência central” (DAMÁSIO, 2000, p. 225).

Por fim, parece que o conceito de *self* em Damásio configura uma reiteração de padrões imagéticos, ideativos, afetivos e temporais (sucessão, representação de representação), de modo comparável à “retradução” proposta por Freud para o reordenamento dos traços mnêmicos, ao longo do desenvolvimento psicossexual. Ainda, a concepção do *self* com base nas representações de primeira e de segunda ordem, e assim por diante, também encontram uma afinidade com a visão freudiana da memória na iminência de um sistema de representação:



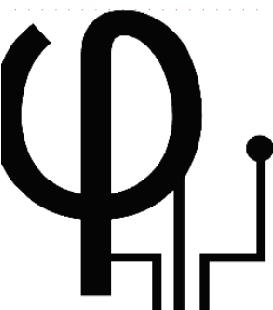
Nosso mecanismo psíquico é formado por estratificação sucessiva, pois o material presente sob a forma de traços mnêmicos fica sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo, de acordo com as novas circunstâncias – a uma retranscrição. (FREUD, 1896/1986, p. 208)

Freud assinala “que a memória não se faz presente de uma só vez, e sim ao longo de diversas vezes, e que é registrada em vários tipos de indicação” (FREUD, 1896/1986, p. 208).

Freud não soube precisar quantos sistemas psíquicos haveria, mas diz que são pelo menos três. Isso nos permite indagar se há uma possível afinidade entre os dois autores, no que diz respeito à memória como um sistema dinâmico, uma concepção que pode ser deduzida, principalmente, da leitura da *Carta 52* (1896/1986), de Freud, supracitada. E ainda, seria viável arriscar aproximações entre o *proto-self* e as descrições freudianas do ego corporal? Em Freud, o corpo é uma matriz privilegiada para o processo de diferenciação do *ego*, que sediará o processamento das funções psíquicas complexas. Em Damásio, as representações do sujeito também são reportadas às relações profundas entre os estados corporais e as camadas do *self*. Apenas como exercício especulativo, as representações repetidas de um si mesmo – traduzido pelo “sentimento de conhecer”, e disparadas pelo *self* central – poderiam nos dizer algo sobre o narcisismo primário e secundário? Afinal, na teoria psicanalítica, uma cota de libido sempre retorna ao *ego* no narcisismo secundário, permitindo a repetição e a renovação de uma mesma imagem de si: “um originário investimento libidinal do *ego*, cedido depois aos objetos; mas, se considerado em seu fundo, ele persiste” (FREUD, 1914/1989, p. 73). Indagado sobre ter algumas asserções próximas às de Freud, Damásio responde: “eu propus (sem pensar em Freud, mas coincidindo com ele) que o corpo real, tanto como sua representação pelo cérebro, é o teatro das emoções” (DAMÁSIO, 1999, p. 39).

Esta seção do trabalho apresentou, em linhas gerais, a teorização de Damásio sobre o *self*, com a finalidade de indicar uma potencialidade de suas formulações para pensar uma teoria de sujeito em um modelo neurocientífico, com o qual a psicanálise pode iniciar uma interlocução e engajar um esforço comparativo interdisciplinar, a partir de conceitos do seu próprio campo, se as vertentes psicanalísticas assim o desejarem. Mesmo fundamentadas em preceitos naturalistas e materialistas, as cartografias (mapas) das representações do si mesmo, na teoria do *self*, permitem extrair elementos para um projeto de sujeito que leve em conta as afecções corporais. Ressalta-se que esse modelo não discrimina entre o corpo como organismo

(sinalizações neuroquímicas e elétricas) e o corpo como um ser perceptivo ou o corpo contendo um sentido de uma corporeidade que possa incluir a sexualidade. Esta última acepção, justamente, é um ponto forte da psicanálise, para a qual o corpo é sujeito e objeto

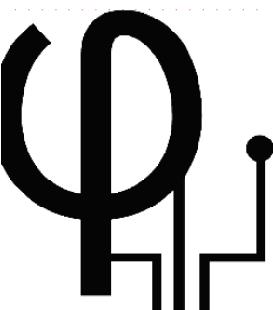


ao mesmo tempo; diferentemente de Damásio, que se refere ao “corpo vivo”, um organismo evolutivamente adaptado, mas que também é o portador de uma consciência de si e de uma história de vida. O que é corporal tem leituras próprias nos substratos neuropsicológicos, distintas da leitura do que não é o corpo, mas estas cartografias se representam entre si e geram novas imagens e, posteriormente, fazem emergir a linguagem.

O sujeito corporal de Damásio não é o sujeito da psicanálise, e isso tem que ficar claro, mas seu modelo não é incompatível com fundamentos conceituais da psicanálise freudiana. Damásio não dá destaque às representações sexuais e nem aos processos de apropriação subjetiva da imagem corporal, duas noções caras ao pensamento psicanalítico e através das quais a psicanálise pode contribuir com o modelo de Damásio. Mas o corpo, em Damásio, é sujeito e também objeto, no sentido em que o *proto-self* está para o corpo vivo, assim como o *self* central está para a consciência imediata. Pode-se dizer que, desde os núcleos automáticos de regulação da vida, passando pelos núcleos voluntários autorreferentes e, finalmente, até os sentidos biográficos, o *sujeito neural* é pelo seu corpo ou é através dele que algo vem a ser conhecido, seja um novo objeto, seja um vivido corporal e experiencial. Acho que se está longe de formular um “eu sou meu corpo”, mas, pelo menos, Damásio insiste que o *self* é a primeira resposta para uma questão que o organismo nunca formulou: a quem pertencem esses padrões mentais contínuos? Ao meu corpo, a mim.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a aposta no papel elucidativo das ciências biológicas para o estudo de temas psicanalíticos, como desejo, sonhos, memória ou inconsciente, pontua-se que a apreensão de parte da comunidade psicanalítica se deve à relativa falta de clareza dos limites dessa convergência ou mesmo fusão da psicanálise ao programa neurobiológico. Assim, é pertinente perguntar se as disciplinas do *framework* neurocientífico vão trabalhar juntas ou se de sua junção pode emergir uma terceira disciplina. Alguma ambiguidade permanece subentendida: a proposta é encaminhar temas de pesquisa, estender horizontes de teorização da psicanálise e da neurociência ou virtualmente pensar em novas disciplinas? Em Eric Kandel, nota-se uma despreocupação com os termos; ora se fala em psicanálise biologicamente orientada, ora de uma ciência neural psicanaliticamente orientada, inclusive em uma mesma passagem do



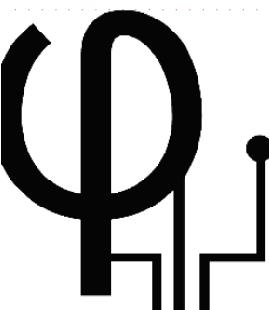
texto³. Parece, por fim, que a tradução de categorias mentais para a linguagem biológica significa tanto preservar quanto mudar: “não seria substituir a lógica da psicologia ou da psicanálise pela lógica da biologia molecular, mas tentar juntar estas duas disciplinas e contribuir para uma nova síntese [...]” (KANDEL, 2000/2005, p. 342). Damásio, por sua vez, não se dirige à psicanálise, mas suas formulações neuropsicológicas são virtualmente fecundas para dar conta de aspectos qualitativos do problema da consciência e de sua relação com a subjetividade, como anteriormente apontado nos projetos de naturalização da mente. A teoria do *self* corporal também pode ajudar a lidar com certas questões cruciais à psicanálise, tais como o papel do corpo no psiquismo, a relação corpo-sujeito.

Kandel espera que a neurobiologia se torne uma “nova anti-disciplina da psicanálise”, impulsionando novas investigações. Quanto às anti-disciplinas, não é muito diferente o papel que a sociologia e a filosofia têm tido para a psicanálise. As linhas de pesquisa “filosofia da psicanálise” e “psicanálise e política”, por sua vez, não implicaram a perda de identidade da experiência intelectual psicanalítica. Elas apenas contribuíram para ampliar o potencial reflexivo da psicanálise em relação ao seu objeto (o inconsciente, o psiquismo) e a conduz a se ver no espelho e na alteridade de sua própria epistemologia.

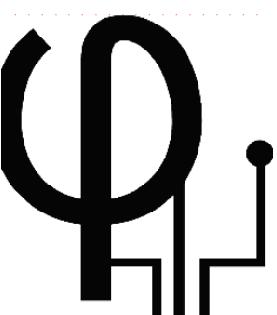
Cabe lembrar que, para as neurociências, a mente é o reflexo do cérebro. A individualidade é pensada desde as sinapses, pelo modo como cada cérebro foi moldado pelas experiências individuais e culturais. Contudo, falta um projeto antropológico ao quadro de referência de Kandel, o que poderia dar suporte ao problema da unidade e da qualidade da experiência sensível, que ainda permanecem como grandes desafios dos modelos neurocientíficos. Surpreendentemente, a teoria da consciência e do *self* fizeram o modelo de Damásio avançar quanto a tais exigências. Talvez a neurociência possa se beneficiar dos conceitos da teoria psicanalítica muito mais que a psicanálise tem a receber daquele campo: o que está em jogo é um maior conhecimento sobre os padrões de funcionamento cerebral e um regime de validação externa à sua área?

A ausência de informações mais precisas sobre a representação anatômica, todavia, não impediu Freud de construir o edifício teórico da psicanálise, e esta também desenvolveu seus próprios procedimentos para validar e produzir conhecimento. O fato é que a psicanálise pode contribuir com os aportes de sua noção de sujeito, esta carência parece ser a principal fragilidade da primeira proposta que apresentamos, enquanto a leitura psicanalítica pode enriquecer a segunda proposta. Para concluir, pretende-se termos contribuído para encaminhar o

³ Cf. Kandel, 1998, p. 56.

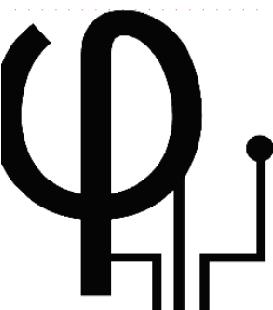


princípio de uma reflexão sobre as interpelações que uma parte da comunidade neurocientífica contemporânea tem endereçado à psicanálise, através de uma breve apresentação histórica da recepção que o legado freudiano e a experiência psicanalítica encontraram em dois dos principais representantes das neurociências cognitivas.

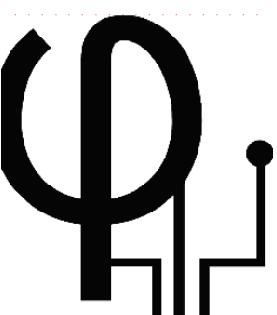


REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Vitor Manuel. O ego corporal no continuum cérebro-mente: o modo de ação clínica da psicanálise na perspectiva da interface com a neurociência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, vol. 37, n. 4, 2003, pp. 1051-1065.
- BENNET, Maxwell R.; HACKER, Peter. M. S. *Philosophical Foundations of Neuroscience*. Hoboken, New Jersey: Wiley-Blackwell, 2003.
- BEUTEL, Manfred E.; STERN, Emily; SILBERSWEIG, David. A. (2003). The emerging dialogue between psychoanalysis and neuroscience. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, n. 51, pp. 773-801, 2003. Psychoanalytic Electronic Publishing (PEP).
- BOCCHI, Josiane Cristina A psicanálise sob a ótica das neurociências: interlocuções entre Eric Kandel e Freud. In: C. L CHITOLINA; J. A. PEREIRA; PINTI, R. H. (Orgs.) *Mente, cérebro e consciência: um confronto entre filosofia e ciência*.1 ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2015, p. 255-277.
- BOCCHI, Josiane Cristina; VIANA, Milena Barros Freud, as neurociências e uma teoria da memória. *Psicologia USP* (Impresso). São Paulo, v.23, pp. 481 - 502, 2012.
- CARHART-HARRIS, Robin. L.; MAYBERG, Helen S.; MALIZIA, Andrea L.; NUTT, David. Mourning and melancholia revisited: correspondences between principles of freudian metapsychology and empirical findings in neuropsychiatry. *Annals of General Psychiatry*, 7:9, 2008.
- CAROPRESO, Fátima Siqueira. A natureza do psíquico e o sentido da metapsicologia na psicanálise freudiana. 2006. 268 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2006.
- CHANGEUX, Jean-Pierre; RICOEUR, Paul. *La naturaleza y la norma: lo que nos hace pensar*. México: Fondo de Cultura Econômica, 2001.
- CHANGEUX, Jean-Pierre. *Neuronal man: the biology of mind*. New Jersey: Princeton University Press, 1997.
- CLYMAN, Robert. B. The procedural organization of emotions: a contribution from cognitive science to the psychoanalytic theory of therapeutic. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 39S, pp. 349-382, 1991. (PEP).
- DAMÁSIO, António Rosa. *A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- DAMÁSIO, António Rosa. Commentary by Antonio R. Damásio. *Neuro-Psychoanalysis*, n. 1, p. 38-39, 1999. (PEP)
- DAMÁSIO, António Rosa. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DAVIDOVICH, Marcia Moraes; WINOGRAD, Monah. Psicanálise e neurociências: um mapa dos debates. *Psicol. estud.* [online]. 2010, vol.15, n.4, 801-809, out-dez/2010. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pe/a/XZdQkNQg93FT6PtYHwBsGLn/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 13 mai. 2021.
- EDELMAN, Gerald M. Neural Darwinism: Selection and Reentrant Signalling in Higher Brain Function. *Neuron*, 10(2):115-125, 1993.
- EDELMAN, Gerald M. *The remembered present: a biological theory of consciousness*. New York: Basic Books, 1989.
- EDELSON, Marshall. *Hypothesis and evidence in psychoanalysis*. Chicago: University of Chicago Press, 1984.
- ERDELYI, Matthew Hugh. *Psychoanalysis: Freud's cognitive psychology*. New York: Freeman & Co, 1985.



- FREUD, Sigmund. *La afasia*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1973. (Trabalho original publicado em 1891)
- FREUD, Sigmund. (1976). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 381-517). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950).
- FREUD, Sigmund. Carta 52. In: J.M. MASSON. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904* (Trad. V. Ribeiro). Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- FREUD, Sigmund. Introducción del narcisismo. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 14, pp. 65-98, 1989. (Trabalho original publicado em 1914).
- GAY, Peter. *Freud: uma vida para nosso tempo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOLDBERG, Arnold. Gaps, barriers, and splits: the psychoanalytic search for connection. *Neuro-Psychoanalysis*, n. 2, pp. 61-68, 2000. (PEP).
- GUERRA, Estevão M. & XAVIER, José Ignacio. T. Perspectivas sobre o projeto de constituição da neuropsicanálise: um olhar crítico. *Ciências & Cognição*, Vol 13, n. 3, pp. 02-18, 2008. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org>>. Acesso em: 12 ago. 2011
- GREEN, André. Consilience and rigour: commentary by André Green. *Neuro-Psychoanalysis*, , pp. 40-44, 1999. (PEP).
- HEBB, Donald Olding. *The organization of behavior*: a neuropsychological theory. Lawrence Erlbaum Associates Inc; Édition: New edition, 2002. (Trabalho original publicado em 1949)
- HÖLSCHER, Christian. *Neuronal Mechanisms of Memory Formation*: Concepts of Long-Term Potentiation and Beyond. Cambridge: University Press, 2001.
- IMBASCIATI, Antonio. Cognitive sciences and psychoanalysis: a possible convergence. *J. Amer. Acad. Psychoanal.*, n. 31, pp. 627-646, 2003. (PEP).
- KANDEL, Eric Richard. (1979). Psychotherapy and the single synapse: the impact of psychiatric thought on neurobiologic research. In: KANDEL, E. R. *Psychiatry, psychoanalysis and the new biology of mind*. American Psychiatric Publishing, Inc., Washington, DC, 2005, p. 5-26.
- KANDEL, Eric Richard. (1983). From metapsychology to molecular biology: explorations into the nature of anxiety. In: KANDEL, E. R. *Psychiatry, psychoanalysis and the new biology of mind*. American Psychiatric Publishing, Inc., Washington, DC, 2005, pp. 117-156.
- KANDEL, Eric Richard. (1998). A new intellectual framework for psychiatry. In: KANDEL, E. R. *Psychiatry, psychoanalysis and the new biology of mind*. American Psychiatric Publishing, Inc., Washington, DC, 2005, pp. 33-58.
- KANDEL, Eric Richard. (1999). Biology and the future of psychoanalysis: a new intellectual framework for psychiatry revisited. In: KANDEL, E. R. *Psychiatry, psychoanalysis and the new biology of mind*. American Psychiatric Publishing, Inc., Washington, DC, 2005, pp. 63-106.
- KANDEL, Eric Richard. (2001). Genes, brains, and self-understanding: biology's aspirations for a new humanism. In: KANDEL, E. R. *Psychiatry, psychoanalysis and the new biology of mind*. American Psychiatric Publishing, Inc., Washington, DC, 2005, pp. 375-383.
- KANDEL. Eric Richard. *À la recherche de la mémoire*: une nouvelle théorie de l'esprit. Trad. do inglês por Marcel Filoche. Paris: Odile Jacob, 2007.
- KOSSLYN, Stephen M.; ANDERSEN, Richard A. General introduction. In: KOSSLYN, S. M. (Ed.). *Frontiers in cognitive neurosciences*. Cambridge: MIT Press, 1992.
- LANE, Richard D. & GARFIELD, David A. S. (2005). Becoming aware of feelings: integration of cognitive-developmental, neuroscientific and psychoanalytic perspectives. *Neuro-psychoanalysis*, 7, pp. 5-30. PEP.



- LEVIN, Fred M. *Mapping the Mind: The Intersection of Psychoanalysis and Neuroscience*. Karnac Books, 2003
- PEREIRA Jr., Alfredo. Breve histórico da neurociência cognitiva. In: *Encontro com as ciências cognitivas*, vol. 3, pp. 37-44, 2003.
- PIRLOT, Gérard. La pensée neurophysiologique de S. Freud: peut-elle aider au dialogue entre psychanalyse. *Revue Française de Psychanalyse*, Puf, n. 71, pp. 479-500, 2007.
- PLISZKA, Steven. R. *Neurociência para o clínico de saúde mental*. Trad. Carlos Alberto Silveira Netto Soares. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- POMMIER, Gerard. *Comment les neurosciences démontrent la psychanalyse*. Paris: Flammarion, 2007.
- REISER, Morton F. *Mind, brain, body*: toward a convergence of psychoanalysis and neurobiology. New York: Basic Books, 1984.
- SANDRETTI, Jean. Freud aurait aimé ce début de XXIe. Siècle.... *L'Esprit du Temps / Topique*, n. 88, pp. 145-155, 2004.
- SEMENZA, Carlo. Psychoanalysis and cognitive neuropsychology. *Neuro-Psychoanalysis*, n. 3, pp. 3-10, 2001. Psychoanalytic Electronic Publishing PEP.
- SIMANKE, Richard Theisen. O problema mente-corpo e o problema mente-mente da metapsicologia: pontos de convergência entre a psicanálise freudiana e as ciências cognitivas. *Natureza humana*, 8, n. 1, pp. 93-118, 2006.
- SOLMS, Mark. The neuropsychology of dreams: a clinico-anatomical study. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1997.

